

Formação ética profissional do pedagogo: 12 desafios hercúleos

Professional ethical training of the pedagogue: 12 Herculean challenges

Sheyla Maria Fontenele Macedo
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Rio Grande do Norte - Brasil

Resumo

A ética profissional é campo de “mata virgem” na área da formação docente. Os 12 (doze) desafios hercúleos da formação ética profissional do pedagogo são, portanto, um contributo original e significativo para a educação em geral, e especialmente para a Pedagogia. Objetiva “Compreender os compromissos éticos profissionais e seus principais desafios, essenciais à formação inicial do pedagogo”. A investigação bibliográfica, recorte de tese doutoral, apresenta matéria relativa à “Formação e profissionalização docente”. Foi estruturada em quatro seções sobre os compromissos e desafios éticos profissionais do pedagogo: aprendizagem, “ensinagem”, ético-político e biográfico. Os resultados apontam a ética enquanto dimensão profissional, estruturante e formativa, que precisa ser revisitada na formação inicial do pedagogo.

Palavras-Chave: Formação; Ética profissional; Pedagogo.

Abstract

Professional ethics is a field of “virgin forest” in the area of teacher training. The 12 (twelve) Herculean challenges of the professional ethical training of the pedagogue are, therefore, an original and significant contribution to education in general, and especially to Pedagogy. Objective “Understanding professional ethical commitments and their main challenges, essential to the initial training of the pedagogue”. The bibliographic research, part of a doctoral thesis, presents material related to “Teacher training and professionalization”. It was structured in four sections on the professional ethical commitments and challenges of the pedagogue: learning, “teaching”, ethical-political and biographical. The results point to ethics as a professional, structuring and formative dimension, which needs to be revisited in the initial training of the pedagogue.

Keywords: Formation; Professional ethics; Pedagogue.

Início de conversa

A formação ética profissional será sempre um grande desafio em qualquer profissão. Entretanto, e em se tratando do pedagogo, cujo espaço e público alvo de sua ação profissional é vasto e diversificado, entendemos que seu pensar, agir, “fazer pedagógico”, estão sujeitos à intervenção de inúmeros fatores, que exigirão por sua vez um saber ético diferenciado para responder aos reclames decorrentes das diferentes situações sócio pedagógicas que terá de vivenciar. Situações essas que vão desde a sua função como professor (em classes de Educação Infantil, Ensino Fundamental etc.) a gestor escolar, à intervenção pedagógica em penitenciárias, nas ruas, em instituições sociais que atendam aos dependentes químicos, dentre outras.

Foi a partir do interesse sobre o “acontecer” da formação ética profissional do pedagogo, diante de tantos matizes, que neste trabalho convergimos para o objetivo geral de “Compreender os compromissos éticos profissionais e seus principais desafios, essenciais à formação inicial do pedagogo”. Consideramos a temática, antes de tudo, original, visto que Macedo (2018) já revelava a necessidade de estudos mais intensos no campo. O trabalho é resultado de estudos teóricos, e consiste em pesquisa de revisão bibliográfica. Parte dele se constitui em “recorte de tese doutoral”, em tornos dos seguintes objetos de estudos: formação, ética e profissionalização docente.

Para “início de conversa” ancoramos este artigo em três conceitos *másters* que sustentam este processo formativo: a educação, a ética e a ética profissional.

Entendemos a educação, e nos referimos principalmente à educação escolar, como prática humana, pedagógica, filosófica, social e cultural, em circunstância de que assume “um sentido intencionalizado, como esforço para a instauração de um projeto de efetiva humanização [...]” (SEVERINO, 1990, p. 21). Projeto esse que se concebe a partir do ato intencional e consciente de *ensinar* e que significa, dentre muitos aspectos, em fazer emergir o sentido existencial de “cada” vida humana. Em outras palavras, educar dá sentido à vida. O ensino, o “ensinar e o educar”, não podem ser reduzidos, portanto, conforme preconiza Severino (1990), “a modelos abstratamente concebidos de uma ‘natureza humana’, ou de um modelo universal idealizado” (p.21).

A ética por sua vez, é um conceito tergiversado de percepções, significados e sentidos. Em cada período da história humana nos deparamos com inúmeras acepções. Fundamos

nossas reflexões a partir da ideia da ética humanista, alicerçada no princípio da “reflexão sensível” [MACEDO, 2018], e que nos remete à uma ética que tem como ponto de partida a concepção de “bem” assente na “quádrupla gnosiológica” do bem pensar, sentir, falar e agir, e do Ser integrado ao coletivo, ao grupo, ao social [MACEDO, 2018]. Essa ética humanista explica-se a partir da:

Hierarquização do ser humano mediante o compromissar-se com a construção de uma rota de vida que colabore para a própria evolução, da humanidade em geral e do mundo em que vive, respeitando-se e reconhecendo-se como parte da história coletiva, tomando o bem consciente como ferramenta para alcançar a práxis ética. [MACEDO, 2018, p. 478]

Em outras palavras, essa hierarquia se edifica através do respeito ao humano, e a todas as formas de manifestação de vida, de modo que, a liberdade individual seja preservada e esteja em conformidade a outros valores, tais como a justiça, a tolerância, ipseidade etc.

A ética profissional seria um desdobramento da ética pessoal, pois se “é a ética estruturante do caráter humano” [MACEDO; CAETANO, 2017, p. 636], portanto, “também o é no que se refere ao domínio profissional”.

Para Macedo e Caetano (2017, p.636) a ética profissional é concebida como uma “dimensão *práxis* transversal” e “competência macro, autônoma, independente e que se forja no âmbito da formação, não excluindo naturalmente, as relações estabelecidas com o terreno do desenvolvimento pessoal” (MACEDO; CAETANO, 2017, p. 636). O que significa que admitem que a ética é arcabouço formativo e que “transversaliza” as demais competências profissionais, que por sua vez, se constituem no *know how* da profissionalização, ou a “súmula de saberes interativos entre si” (MACEDO; CAETANO, 2017, p.633) de uma profissão.

A formação ética profissional vem a se instituir enquanto percurso educativo intencional, voltado para a qualificação no âmbito de uma profissão, que de acordo com Macedo (2018), é perpassada por quatro grupos de compromissos éticos formativos, a saber: a) Aprendizagem; b) Ensinagem; c) Ético-político; d) Biográfico.

É, portanto, sobre esses quatro compromissos formativos que nos debruçamos neste trabalho, os quais se desdobram em um total de 12 (doze) desafios iniciais da formação ética profissional do pedagogo.

Para tratar desta questão, recorreremos a título de ilustração, à alegoria de Hércules que para sair de sua condição de “semideus” e se elevar à categoria de divindade percorreu a

Formação ética profissional do pedagogo: 12 desafios hercúleos

desiderata jornada no cumprimento de doze trabalhos. Discorreremos a nossa temática a partir daí, já que elencamos doze desafios para o âmbito da formação que, se ultrapassados, podem contribuir para elevar o *status* ético do profissional da Pedagogia. Importante mencionar que, não estamos à “caça” de receitas “prontas”, mas ousamos rebuscar um caminho, nessa “terra epistêmica” ainda árida da formação ética profissional e que necessita ser fertilizada na esfera da Pedagogia.

Tomamos como ponto de partida o Quadro 1, que nos remete aos quatro grandes compromissos éticos profissionais mencionados, em que discorreremos os 12 desafios sobre os quais versaremos:

Quadro 1. Compromissos ético-pedagógicos/profissionais e os 12 desafios formativos

COMPROMISSOS ÉTICO-PEDAGÓGICOS/ PROFISSIONAIS		DESAFIOS DA FORMAÇÃO ÉTICA PROFISSIONAL DO PEDAGOGO
APRENDIZAGEM		1. Aprender a aprender 2. Pedagogia para a inclusão
ENSINAGEM	Dimensão gnosiológica	3. Currículo crítico-humanista 4. Didática ética e estética 5. Avaliação do bom senso
	Dimensão ética axiológica e deontológica	6. Formação de valores 7. Códigos de ética
ÉTICO-POLÍTICO		8. Formação política 9. Profissionismo
BIOGRÁFICO		10. Identidade (pessoal e profissional) 11. Antropoética 12. Consciência planetária

Fonte: A partir de Macedo (2018)

À vista disso, as subseções da pesquisa foram organizadas a partir desses quatro grandes domínios formativos, os quais passamos a dialogar.

Os desafios do compromisso ético com a aprendizagem: “aprender a aprender” e a “Pedagogia da inclusão”

Assumimos a perspectiva histórico-cultural da aprendizagem (VYGOTSKY, 1984), que apresenta a ideia de aprendizagem como decorrente do processo de humanizar-se por meio da cultura, da relação com o ambiente, com o outro, e por meio dos procedimentos de interação e mediação.

Do exposto comunicamos que a aprendizagem, em nosso entendimento, se faz a partir de interações que se afirmam através das relações humanas e que se desdobram em certo tempo, espaço, visão de mundo, de sociedade e que envolvem as múltiplas experiências de vida, não deixando ainda à margem desse conjunto, as influências resultadas do desenvolvimento biológico humano.

Dessa maneira, o pedagogo ao assumir o compromisso ético com a aprendizagem, como função *máster* de sua profissão, haverá de firmar práticas pedagógicas que propiciem encontros com os pontos apresentados e especialmente com o saber, e que favorecerão o incremento de nosso primeiro desafio “hercúleo”, e que se encontra nessa esfera, o do “aprender a aprender”.

Este compromisso, o da “ética do aprender a aprender”, sustenta a intenção permanente de que quando se aprende algo, que se possa aprender mais e “melhor” sobre esse algo que se aprendeu. Em outras palavras, se hoje aprendi a ser um melhor professor, que me disponha à superar esta versão amanhã. Esse compromisso está diretamente imbricado com o educando, no sentido de criar condições para que este também se perceba como um “arquiteto de sua aprendizagem” (TUNES; BARTHOLLO, 2010, p.28). Logo, a aprendizagem se apresenta em duas vertentes, a de quem aprende ao ensinar, e a de quem aprende ensinando a Si próprio. Em outras palavras é:

[...] verdadeiramente, um processo ativo, pois decorre do esforço de uma vontade da pessoa para exercer sua inteligência. Aprende-se o que se quer, como se quer, quando se quer e com quem se escolher como mestre. O mestre é também uma pessoa comprometida com a busca incansável. O que se aprende tem valor pessoal intransferível. (TUNES; BARTHOLLO, 2010, p.29).

Outro aspecto relevante, é o de que conciliamos com a ideia de que aprender é em parte, processo de seleção. Somos seletivos com o que aprendemos, com o conhecimento. Ou seja, escolhemos aquilo que nos interessa aprender, mas é forçoso reconhecer que nem sempre somos autônomos em nossas escolhas, porque existem aprendizagens que nos são inculcadas, impostas por meio do *habitus* (BOURDIER, 1983¹).

Consideramos ainda significativo, o comprometimento ético do pedagogo de que “todos, sem distinção” têm o “direito em aprender”. A afirmativa pode soar como um “jargão”, mas de fato, é preciso refletir sensivelmente sobre a questão, para que a *práxis* educativa efetivamente rompa as barreiras das diferenças, das desigualdades sociais, dos

Formação ética profissional do pedagogo: 12 desafios hercúleos

preconceitos, das crenças sociais etc. Razão pela qual consideramos a intenção de “inclusão” como o segundo dos desafios éticos na esfera da aprendizagem, ou o desafio da “Pedagogia para a Inclusão”, e que se diferencia do conceito de “integração”.

As práticas de “integração” possuem o objetivo de fazer com que o discente se adapte às exigências da instituição educacional, constituindo-se mais numa questão de adaptação por “acomodação”. Já a inclusão, se estabeleceria no processo da organização e sistematização dos conhecimentos em benefício do aprendente e indiferente a quem esse seja, já que a escola é um direito de todos. Nesse sentido, não há um grupo específico a ser incluído, já que todos se constituem em elementos do “mesmo território”. A inclusão como direito social de todos, e sob esse enfoque, agregaria para além de um conjunto de estratégias sociais, pedagógicas e de políticas públicas, o valor ético do “respeito”. Desta forma, a Pedagogia da inclusão teria de alicerçar-se no “respeito” como a máxima incluyente. E *quicé* chegará o dia, em que a própria expressão “inclusão” será dispensada. Já que, é preciso reconhecer que, a ideia de “incluir” um alguém, significa admitir que este mesmo “alguém” está “fora do jogo”.

Em nosso entendimento, a Pedagogia para a Inclusão necessita se aliar à esfera da ética, da educação para a formação de valores, sustentada ainda pelo diálogo. Referimo-nos particularmente à formação ética docente que realmente se efetive em direção à profissionalização daqueles que trabalham na educação, primordialmente, o pedagogo. Formação ética essa que se apoiará nas novas exigências educativas, e que são classificadas por Cambi (1999) como um “feixe de novas emergências” (p. 638), que precisam ser conhecidas e consideradas, e que nos remetem à reflexão de várias frentes inclusivas, tais como: as discussões éticas sobre a ecologia, a multiculturalidade etc. Entendemos que uma formação inicial que desconsidere as questões em pauta – dentre outras não menos relevantes – excluem de suas discussões a “diferença”, e desqualifica-se enquanto espaço formativo.

O pedagogo é um agente ético, pedagógico, socializador. Sua profissão requer que saiba equacionar eticamente as práticas educativas e as situações e contingências apresentadas pelo contexto das diferenças. Não é, portanto, formação que possa acontecer com base no “acaso”.

O compromisso ético profissional com a “ensinagem”: as dimensões gnosiológica, axiológica e deontológica

O termo “ensinagem” foi cunhado por Anastasiou (1998), e significa que a ação de ensinar se liga à de aprender, e se constitui em percurso para o processo de assimilação, produção e apropriação do conhecimento. Ou seja, a ensinagem é pressuposto para o “acontecer da aprendizagem”.

Do exposto, entendemos que ensinar é um “esforço didático e pedagógico” que se realiza no sentido de que o outro aprenda. É também uma razão assente na necessidade pungente de que todo ser humano precisa e deseja “aprender”. Desta forma, compreendemos que ensinar é um processo vital, e que estamos em constante atividade de ensinar, quer seja a alguém, ou a nós. E o fato é que, ensinar é parte da natureza humana. Ensinamos, mesmo que seja pelo “contraexemplo”.

No que tange ao sistema escolar, muitos são os conteúdos, questões e problemas que estão fora da lista de “lições” consideradas importantes e necessárias de serem ensinadas e aprendidas, ou seja, à margem do considerado “ensinável”. Morin (2000) listou pelo menos “sete saberes necessários à educação do futuro” – o conhecimento, o conhecimento pertinente, a compreensão humana, a identidade, a antropoética, o enfrentamento das incertezas e a condição planetária – todos com um forte componente ético. Em sua tese, a forma como o sistema escolar tem lidado com o “conhecimento” precisa ser revisitado. Isso porque existem algumas crenças que limitam nossas práticas. Crenças limitantes essas fundadas em “erros”, tais como o de conceber o conhecimento como um *ready made* (p.14), ou seja, como se esse estivesse pronto e acabado. Visão que limita reconhecer a instabilidade dos conhecimentos, sua essência, a da “incerteza”. Também declara, que decorrente dessa forma de enxergar, os conhecimentos que se relacionam à vida e aos problemas que interessam particularmente ao ser humano em sua experiência planetária, são vistos de forma tergiversada. Ou seja, o conhecimento é apresentado de tal forma, que nem sempre permitem que educando se identifique como um ser terreno, parte de uma civilização, a “humana”. A falta do sentimento de pertencimento à uma sociedade humana, distorce o ensinar e distancia a aprendizagem da formação de uma “consciência planetária” coletiva. Enxergar-se como parte do planeta, como parte da humanidade, desenvolve sentimentos respeitosos de reciprocidade em relação ao outro, às diversas culturas, à vida em geral,

Formação ética profissional do pedagogo: 12 desafios hercúleos

facilitando o olhar acerca do que nos une enquanto grupo humano na diferença e na similaridade.

Já Barthes (2007) assinala outro desafio nesse campo do ensino, a de que é preciso ensinar a “desaprender”. Em outras palavras, não se ensina só em pista de “mão única” (aprender) ou para a positividade (aprender para saber), mas o reverso dessa premissa é também uma verdade. É por vezes preciso “desaprender o aprendido”, o que também consiste num aprendizado. Assim como o esquecimento também é um ensinamento e que, portanto, desta forma, há que se revisar esses conceitos, que embutem fortes componentes éticos.

Entendemos que o compromisso com a ensinagem se desdobra em duas áreas: a) a dimensão gnosiológica; b) os âmbitos axiológico/deontológico.

A dimensão gnosiológica aqui proposta se voltará para a relação entre a ética e o conhecimento, e se desmembra em três discussões, que em nosso entendimento se constituem no terceiro, quarto e quinto desafios da formação ética profissional, ei-los: a do currículo humanista; a *upgrade* ético-didática; a avaliação do “bom senso” (MACEDO, 2019).

Contextualizamos a temática do currículo à ética a partir perspectiva de McNeil (2001) sobre a mediação entre os currículos humanista e reconstrucionista social. O primeiro tem seu foco na individualidade do educando, de maneira que a todas as experiências de aprendizagem sejam levadas em conta e aproveitadas em direção a valor do respeito aos interesses e necessidades desse. Já o currículo reconstrucionista social, possui um enredo que enfatiza a relação entre o currículo e a sociedade, há uma preocupação com os direitos das minorias, em que se incorpora a perspectiva do indivíduo no *corpus* social. De nossa parte, propomos para a formação inicial do pedagogo, um currículo que favorecesse o incremento da ética profissional, e que denominamos de “integrado”, e que encamparia essas duas perspectivas: a individual e a social. Ou seja, que tenha como cerne teorias e experiências curriculares que se engajem aos interesses da pessoa, e que ao mesmo tempo não se desprenda da reflexão crítica e sensível acerca dos desafios que afligem a sociedade humana. Sob essa ótica, alinhamos com o seguinte conceito de currículo:

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é a autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*; no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, 2010, p. 150).

Ou seja, o currículo sob a ótica humanista teria como enfoque a “pessoa”, que no centro desse processo haveria de desenvolver a capacidade de se posicionar de forma “glococalizada” (FRANCO, 2003). Quer dizer, a revolução a partir do próprio local, em que ao mesmo tempo que se envolve na vida circundante, do local, materializa temáticas éticas contemporâneas, globais. Sublinhamos, por exemplo, que uma formação ética voltada para esse mote promoveria a *expertise* do pedagogo para selecionar conteúdos programáticos que realmente priorizassem a vida no aqui, no agora e no lá (social). Em que particularmente, matérias de teor ético viriam à tona, tais como a eutanásia, o aborto, a sexualidade - dentre outros temas não menos relevantes.

Consideramos a didática mais um dos desafios da formação ética profissional. Partimos do conceito de que: “é o interesse da Didática e das Práticas de Ensino, tanto nas questões de ensino propriamente dito quanto naquelas de pesquisas sobre ele buscando estabelecer relações entre ambas as práticas” (MARIN; PIMENTA, 2018, p.18). Ou seja, a didática se funda e é fundante das relações entre o ensino, as práticas e a pesquisa. E neste sentido, consideramos a ética como a dimensão formativa que transversaliza esses domínios, exatamente por meio dos “contratos didáticos” assumidos entre o ensino e a aprendizagem, e que se traduzem na *práxis*.

São inúmeros os desafios éticos na esfera da didática, entretanto, destacamos prioritariamente aqueles que vieram na “boleia” da esteira da sociedade pós-moderna nas últimas décadas no Brasil. Sublinhamos nossa percepção sobre a exacerbação do relativismo ético, em que um “tudo vale didático” interpenetraria o “que saber/fazer” educativo. E em que a busca desenfreada em aparatar tecnologicamente as aulas, desviou o foco do trabalho didático para o terreno dos recursos, deixando-se por vezes à revelia as questões filopedagógicas “do por que, para que, para quem e como ensinar”.

A “didática relativista”, distanciada de suas pedras fundamentais, podem trazer inúmeras consequências éticas à esfera do ensino, dentre elas, destacamos: o “esvaziamento” dos sentidos e significados das práticas; o descompromisso com a busca pelo saber; a minimização do rigor científico; a precarização da pesquisa didática e da avaliação como prática mediadora; a didática despolitizada, e como consequência, a formação descompromissada do educando com a produção de novos conhecimentos. E neste sentido,

Formação ética profissional do pedagogo: 12 desafios hercúleos

o dever ético profissional do pedagogo viria a sofrer um afrouxamento, esvaziando-se o seu papel ético-moral. Logo, não tardaria para a didática ser tomada como um instrumental exclusivo da ordem tecno-comunicativa, ou seja, se o pedagogo “sabe explicar bem” e “domina as ferramentas tecnológicas”, então tem-se uma didática. Desqualificando-se dessa forma, esse campo complexo da ciência da educação.

A fim de superar o desafio posto propomos o que denominamos de *upgrade* ético-didática, o que significa em outras palavras, sobrelevar o viés tecnicista, para apoiar-se numa didática ética humanista, em que a decência e a “boniteza” (FREIRE, 1996) caminhariam lado a lado. Dessa maneira, propomos como rota, que a formação ética profissional no curso de Pedagogia “apetreche” didaticamente o profissional de dentro para fora, não desconsiderando os recursos tecnológicos. Esse *upgrade* se assentaria em quatro campos distintos do saber ético: a) o pedagogo em Si, ou uma formação que assinalasse para questões relativas ao autoconhecimento – de sua condição humana, de seus valores, emoções, desejos etc.; b) a ação didática reflexiva e sensível, assente nas questões filopedagógicas apresentadas; c) o envolvimento com os interesses de aprendizagem do educando; d) o compromisso em salvaguardar a busca pelo saber, pelo conhecimento como prática social humana.

Passemos para outro terreno desafiador da dimensão gnosiológica da ensinagem: a “avaliação”. De acordo com Macedo (2019), a avaliação educacional:

Avaliar na escola é prática que busca se contextualizar ao discurso do “necessário”, do “apresentar resultados” para alguma finalidade, algo ou alguém, e que sobrevive na “corda bamba de sombrinha” entre a perpetuação dos valores morais da sociedade pós-moderna ou do salto de qualidade do ato político de transformar-se. (MACEDO, 2019, p.330).

Sob a ótica apresentada, comungamos com a assertiva de que a avaliação educacional, em todos os seus domínios, é permeada pela matriz ética, que ainda segundo Macedo (2019) é zona indelével de interseção e que se constrói a partir do “bom senso”. Nessa linha reflexiva, a ética estaria vinculada à virtude do “meio-termo” apontada por Aristóteles (2010), conceito admitido por Macedo (2019).

A ideia aristotélica de meio-termo coincide em que as virtudes humanas se relacionam: “com a escolha de ações e paixões, e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, que é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria

prática”. (ARISTÓTELES, 2010, p.45). O meio-termo seria, portanto, a mediania entre antivirtudes. Para exemplificar. Digamos que temos de um lado uma pessoa desonesta, do outro uma tão honesta que chegaria a ser “tola”. Aristóteles propõe a virtude como o meio termo. Neste caso, a honestidade. Sob este olhar, propomos a avaliação da mediania do “bom senso” [MACEDO, 2019], que consiste no encontro entre a avaliação e ética na direção da “medida justa”, do senso de justiça, da valoração de critérios baseados na verdade, na compreensão de que o ato de avaliar deve apontar para as melhores escolhas em prol do aperfeiçoamento humano e em direção ao saber.

Apontamos como exemplo da ensinagem nesta rota o momento em que o pedagogo como professor se depara consigo na tarefa de “avaliar”. Muitas questões éticas são convidadas a participar desse colóquio do “consigo”: quais narrativas envolvem a vida escolar desse aluno, quem ele é, como conseguiu alcançar aquele resultado, quais passos galgou, dentre outros argumentos que poderíamos elucidar. Reflexões que intervêm na tomada de decisão para culminar em certa “nota ou conceito” e que explicitariam um resultado final. O fato é que, uma rota, ainda que solitária, é percorrida pelo pedagogo professor até se chegar a uma apreciação, a um julgamento de valor. A ética feita “carne” nas práticas de ensino revela que o bom senso precisa ser trazido à esfera da ação. Bom senso este que só se desenvolve na jornada do pedagogo a partir da “reflexão sensível” (MACEDO, 2018), e que se funda dentro de si a partir da prática cotidiana de realizar questionamentos sobre o que se experimenta e se pretende experimentar, vinculada à zona da sensibilidade. Em outras palavras, pensar o que se sente, sentir o que se pensa (PECOTCHE, 2017).

Incluimos como o sexto desafio no campo da dimensão ética/axiológica do compromisso com a ensinagem, a formação de valores éticos, justificando que se a universidade “silencia sobre valores, abre espaço para os valores dominantes no âmbito social”. (LIBÂNEO, 2002, p.40). Ou seja, não há matriz em “branco” na formação. Quando uma lacuna formativa não é preenchida, profissionalizada, de alguma forma ela se complementar.

Há uma lista interminável de valores éticos, tais como a lealdade, a honestidade, a justiça, a amizade etc., e que por sua vez, se desdobram na prática das virtudes. É necessário pensar sobre como se formam esses valores. Em nosso entendimento, eles se sustentam no desenvolvimento dos conceitos ético-morais que são à base do caráter humano:

Formação ética profissional do pedagogo: 12 desafios hercúleos

Os conceitos formaram sempre as verdadeiras reservas morais da humanidade. Sustentados neles, os homens podem viver em paz e inspirar mútua confiança; ao contrário, quando os conceitos são alterados: sobrevêm a confusão e o caos, seja no ambiente mental do mundo, seja no dos povos nos quais acontecem tais alterações. (PECOTCHE, 1996, p. 210).

É importante mencionar que sem uma estrutura sólida de conceitos em direção a um bem pensar, um bem sentir, um bem dizer e um bem fazer, os valores éticos tendem a “cair em série por terra”.

Entendemos ser tarefa dos cursos de Pedagogia criar situações didáticas provocadoras de reflexões éticas a fim de impulsionar à formação de valores neste campo. Essa *práxis* é imperativa à profissionalização, especialmente porque uma das funções sociais do exercício laboral do pedagogo é o ensino-aprendizagem na infância, *lócus* em que se forjam as bases da cultura valorativa ética humana.

Identificamos que os conceitos ético-humanistas são aqueles que guiam os seres humanos a unirem-se em prol da edificação de um arcabouço de valores éticos positivos. Julgamos que pelo menos alguns desses conceitos deveriam ser articulados, dentre outras estratégias pedagógicas, a partir das discussões acerca de um código ético-moral humano – o sétimo desafio, que ancoramos na ensinagem, da ordem deontológica. Diante de tantos percalços que a humanidade tem causado a si, à civilização e ao planeta, é inescusável manter vivo alguns conceitos básicos, tais como o respeito e a valorização de toda a forma de vida.

Da discussão sobre os códigos de ética como um dos desafios da ensinagem, compreendemos que devem se constituir a partir de negociações coletivas no âmbito das profissões e no intuito de se forjar compromissos éticos profissionais básicos. À vista disso, não podem ser estabelecidos de forma “alienada” ou ainda a partir de uma visão hierárquica “de cima para baixo”, pois se constituem em acordos sociais. Logo, os códigos de ética se materializam a partir de parâmetros incluídos na reflexão-ação, em que “todos” participam em sua construção. Desta forma, nortearão os anseios de uma categoria profissional, consistindo ainda no documento em defesa dos interesses e do aprimoramento de uma profissão.

À face do exposto, a ensinagem enquanto compromisso ético profissional requer maior atenção das instituições formativas. Existem paradigmas a serem rompidos e outros que merecem ganhar novos espaços de estudos e práticas.

A formação ética profissional: o compromisso ético político e seus desafios

O terceiro grande campo dos compromissos éticos da profissão do pedagogo, o ético-político, se constitui a partir da experiência de natureza ético-política-pedagógica, isto porque toda a prática educativa está permeada por essa tríade. Esse é um compromisso que se estabelece a partir das visões constituídas acerca do ser humano, do mundo e da sociedade, e que envolve tomadas ético-políticas de decisão. Recordamos que toda escolha é promotora de algum tipo de conflito, que faz pender a razão para certo lado, que institui ou destitui poderes. Nenhuma escolha é, portanto, neutra.

Sob esse prisma, mais uma vez nos remetemos aos conceitos. Digamos que a visão de mundo adotada por um pedagogo esteja relacionada a um contexto de defesa da igualdade, da liberdade, do respeito e das diferenças. Essa opção política transversaliza “todo” o processo pedagógico, influenciando a forma como esse profissional seleciona os conteúdos, até à maneira como venha a desenvolver o processo de avaliação da aprendizagem. Naturalmente que com essa afirmativa não intencionamos “reinventar” a roda. Entretanto, o compromisso ético-político que assumimos terá de se aproximar, encampar, incorporar a esfera da prática pedagógica, ou seja, da ação. É nessa perspectiva que apontamos a “formação política” como o oitavo dos desafios no âmbito do compromisso ético-político.

A formação política como desafio neste campo, é mobilizadora do valor ético da justiça, da vontade de suscitar transformações, a aspiração de enfrentar os grandes problemas da educação no país, a partir do “seu lugar”, do local em que se está situado.

O nono desafio encontra-se ancorado no compromisso ético-político do “profissionalismo”. Termo discorrido a partir das premissas teóricas de Bourdoncle (1991), e que remeteria à formação ética profissional em direção a que o futuro pedagogo pudesse desenvolver o interesse em salvaguardar a sua classe profissional, o seu *status* e os seus valores.

A fim de evidenciar a relevância do profissionalismo para a formação, identificamos como o pedagogo foi classificado pelo Ministério do Trabalho e Emprego no Brasil, no que tange a descrição de suas atividades sociais e profissionais. Averiguamos o documento denominado de “Classificação Brasileira de Ocupações [CBO]” para estimar a realidade deste profissional no mercado de trabalho brasileiro. Ao fazer uma busca sobre a expressão “pedagogo”, constatamos o seguinte resultado:

Quadro 02. Qualificação da profissão de pedagogo de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)

2394-15- Pedagogo (Sinônimo na CBO)

Auxiliar de orientação pedagógica; Auxiliar de orientação pedagógica em educação fundamental de primeira à quarta série; Coordenador de orientação pedagógica; Coordenador de serviço de orientação pedagógica.

Fonte: Ministério do Trabalho (2022)

O que mais nos chama a atenção em Q2 é o termo “pedagogo” ser literalmente adotado para funções de “auxiliar de coordenação pedagógica” e “auxiliar de coordenação de serviço de orientação pedagógica”. Questionamos sobre o que de fato essas ocupações querem dizer, já que o pedagogo é formado para assumir as funções de coordenação nas respectivas áreas. Entendemos que o papel de “auxiliar” teria de ser designado ao estagiário de Pedagogia. Em assim sendo, teríamos em uma mesma empresa um pedagogo auxiliar e outro assumindo a coordenação, ou esse papel ficaria relegado a outro profissional? E as questões de isonomia salarial?

O Quadro 3 nos revela mais um questionamento:

Quadro 03. Ocupações que estariam relacionadas diretamente à profissão de pedagogo de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)

2394-05 - Coordenador pedagógico

2394-10 - Orientador educacional

2394-20 - Professor de técnicas e recursos audiovisuais

2394-25 - Psicopedagogo

2394-30 - Supervisor de ensino

2394-35 - Designer educacional

Fonte: Ministério do Trabalho (2022)

Ou seja, não identificamos a função de “professor”, a não ser aquela voltada para a natureza tecnocrata. O quadro nos remete a pensar que, há uma expectativa de uma formação bacharelada para o pedagogo. O que nos impulsiona à reflexão sob desqualificação profissional na esfera da licenciatura, que outorga ao pedagogo a insígnia de um “faz tudo” da Pedagogia.

Do exemplo apresentado, percebemos a necessidade pungente de que este profissionismo ético, conforme recomenda Bourdoncle (1991), seja parte de um processo de

profissionalização estatutária nas instituições formadoras. Ou seja, que prepare o pedagogo para vivenciar as práticas de interação na discussão, manutenção e proteção de seus estatutos, e na forma como sua profissão vem sendo qualificada ou desqualificada, inclusive por órgãos governamentais, que nesse sentido, necessitariam atualizar o *status* profissional do pedagogo no *rank* classificatório das ocupações.

Desta forma, compreendemos que não pode haver separação entre a natureza do trabalho pedagógico da formação ético-política, ou vice-versa. Esta “miopia conceitual” acarretaria sérios problemas da ordem identitária. Entendemos que desapropriar o pedagogo destas vertentes formativas, seria como enviar esse profissional para um terreno de conflitos desapetrechado dos equipamentos necessários para enfrentar a luta histórica de sua profissão, o que geraria a alienação como característica marcante.

Compromisso ético-pedagógico biográfico: identidade, antropológica e consciência planetária

Levantamos a dimensão “biográfica” como um dos compromissos ético-pedagógicos da profissão do pedagogo. Esse campo formativo se caracteriza pelo engajamento profissional e sensível com a biografia dos educandos, seus sonhos, projetos, interesses etc. Compromisso esse, que se desprendem em três desafios: a) Identidade (pessoal e profissional); b) Antropológica e c) Consciência planetária.

A construção da identidade profissional como o décimo desafio é um dos grandes enfrentamentos para a formação ética nas IES, pois é a partir dessa que os seguintes questionamentos são suscitados: Quem é esse profissional, o pedagogo? Como ser um pedagogo e para quê? Qual perfil de pedagogo assumir?

Sobre a ideia de identidade, Dubar (2005) nos apresenta a complexidade que envolve o conceito, já que a identidade não é algo que forjamos tão somente para nós, mas que envolve a dimensão do “outro”, razão pela qual a ética permeia literalmente sua construção:

[...] identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao outro e a seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do outro”. (DUBAR, 2005, p. 135).

Por conseguinte, a identidade profissional necessita do “eu” e deste “outro” para chegar a ser legitimada. Sob essa questão, Dubar (2005, p.136) recorda que a identidade é um processo de socialização e que nesse sentido: “identidade nada mais é que o resultado a um

Formação ética profissional do pedagogo: 12 desafios hercúleos

só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”.

Compreendemos a identidade profissional como um processo vinculado à identidade pessoal, logo, à vida, à biografia de cada um. A construção da identidade profissional não é um processo que se limita ao *lócus* do trabalho, mas é uma obra que envolve muitos fatores e diversos grupos sociais que a influenciam e por essa é influenciada (pessoa, a família, a escola, as instituições de formação etc), e que se caracteriza ainda como uma trajetória que se estende por toda a carreira profissional.

No que se relaciona ainda ao âmbito do compromisso ético biográfico, precisamente ao contrato profissional que se vincula às próprias histórias e ao projeto de vida de cada um, anunciamos os desafios décimo primeiro e segundo da formação ética profissional do pedagogo: a consciência planetária e a antropológica. Para dialogar acerca desses pontos, nos pautamos na seguinte reflexão:

A ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. Carregamos em nós esta tripla realidade. Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana. (MORIN, 2000, p.17).

Estes dois campos, em nosso entendimento, caminham de “mãos dadas”. Morin (2000) apresenta que é preciso que essas duas zonas do conhecimento sejam discutidas.

A consciência de que nosso planeta é como se fosse a “barca” que acolhe a heterogeneidade de passageiros, é literalmente uma metáfora que teria de ser mais bem trabalhada nos cursos de formação em Pedagogia. O curso é desprovido dessa consciência planetária assinalada por Morin. Na verdade, essas preocupações não podem ficar só na ordem das discussões internacionais ou à mercê de políticas públicas, “quicá” escassas. O conceito de “cidadania” de acordo com essa ótica e com essa nova ética deve ser revisitado. A ética é, portanto, segundo Morin (2000, p. 17) a “ética indivíduo/espécie”, em que a consciência sobre o que somos enquanto humanidade perpassa pela noção de que fazemos parte de uma comunidade terrestre, e que nesse sentido residiria a concepção de cidadania. Questão essa que se gesta da pessoa para o coletivo e do coletivo para a pessoa, razão pela qual, justificamos a inclusão da consciência planetária na esfera biográfica.

Os quatro campos dos compromissos éticos da profissão e as doze situações desafiadoras apresentadas consistem em desafios que possuem uma condição comum, o fato de em cada uma delas são promotoras de incontáveis dilemas éticos que instigam o pedagogo.

Entendemos que os dilemas de teor ético envolvem situações de difícil resolução, e que situam a pessoa-profissional num ponto de “divisão” entre uma ou mais alternativas acerca de qual o melhor caminho ético a percorrer. Para culminar numa tomada de decisão, vários conceitos de natureza ética/moral precisam ser consultados, e por que não dizer “(des) pensados”? Eventualmente é essencial desconstruir para elevar novos arcabouços éticos. E nessa perspectiva, a *práxis* é “chamada” à cena dos grandes desafios retratados neste trabalho.

Em tom de arremate...

O pedagogo é um profissional que mantém um forte enlace com os processos de educação e humanização. Nesta rota, vários são os compromissos que assume. Neste trabalho, levantamos alguns daqueles que se estabelecem no terreno da formação ética profissional, precisamente o da aprendizagem, ensinagem, ético-político e biográfico. Os compromissos éticos da profissão nos projetam ao campo deontológico, pois necessitam ser assumidos enquanto “contratos éticos”, já são que inerentes à essa profissão.

Arrematando o nosso trabalho, constatamos que o compromisso ético com a aprendizagem é basilar, e que não é um processo que acontece de forma linear e previsível.

Reconhecemos que a ensinagem implica na gestão de “aprendizagens” e que não se pode dizer que se “ensinou” se não se “aprendeu”.

Já o ético-político se estende ao engajamento sensível com a profissão e o compromisso ético com a biografia é um “estado” de se “importar” com o outro.

Cada compromisso nos remete inicialmente a pelo menos 12 *professional challenges*, e que instigam, provocam, incitam e estimulam estados de superação, e que implicam em que o conceito de formação seja adjetivado como de caráter permanente, contínuo, ininterrupto e em que o *si* seja incorporado, trazendo à tona à máxima socrática tomada do Templo de Delfos, a do “conhece-te a ti mesmo”.

É importante que esses compromissos éticos da formação e seus desafios sejam detidamente pensados e tomados em consideração pelas diferentes IES.

Formação ética profissional do pedagogo: 12 desafios hercúleos

Após a apresentação dos doze desafios, é forçoso que acrescentemos mais um. Afinal, nos parece que o pedagogo supera Hércules em seus trabalhos no complexo cotidiano da realidade brasileira. Esse décimo terceiro desafio encamparia todos os demais. Ele surge num sentido de “arrematar” o conjunto de desafios éticos humanísticos que exibimos e cujas bases se alicerçam nas esferas antropológica, política, social, histórica e biográfica. Esse décimo terceiro desafio poderá não ser o último, pois, é o “inacabamento” característica máster da profissionalização. Mas existe algo que provavelmente não mudará, e que tem caráter de permanente, eis o último desafio, será???

Entendemos ser da alçada dos cursos de formação em Pedagogia provocar no pedagogo o desenvolvimento do espírito de “missão”, que encerra em si a “sensibilidade ética”. Ou seja, a compreensão unida ao sentir profundo de que o seu trabalho tem impacto direto na formação de uma nova cultura humana, e de que o seu profissionalismo consiste na máxima de: “Conseguir que as gerações futuras sejam mais felizes que a nossa, será o prêmio mais grandioso a que se possa aspirar. Não haverá valor comparável ao cumprimento dessa grande missão, que consiste em preparar para a humanidade futura um mundo melhor”. (PECOTCHE, 1996, p.252). Sem este sentir profundo, o “juramento” da profissão no dia da colação de grau se esvazia de sentidos e significados.

Referências

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. Tradução de Torriero Guimarães São Paulo: Martins Claret, 2010.
- BARTHES, R. **Aula**. 14. ed. Tradução de Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007. (Obra original publicada em 1977).
- BOURDONCLE, R. La professionnalisation des enseignants: analyses sociologiques anglaises et américaines. **Revue Française de Pédagogie**, 94, p.73-92, mar. 1991.
- BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: 1983. (Organizado por Renato Ortiz).
- CANDAU, V, N.; MOREIRA, A. F. (orgs.). **Multiculturalismo – Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FRANCO, A. **A revolução do local: globalização, glocalização, localização**. São Paulo: Cultura, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, J.C. **Didática velhos e novos temas**. Goiânia: Edição do Autor, 2002.

MANTOÁN, M.T.E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

SEVERINO, A. J. A contribuição da Filosofia para a Educação. *In: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)*. **Em aberto**, Brasília, DF, 9, n. 45, p.19-25, jan-mar. 1990.

MACEDO, S. M. F.; CAETANO, A. P. V. A ética como competência profissional na formação: o pedagogo em foco. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 627-648, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/2017nahead/2175-6236-edreal-56078.pdf>. Acesso em 05 mar. 2022.

MACEDO, S. M. F. **A formação ética profissional do pedagogo na realidade brasileira: um estudo de caso**. 2018a. 513 p. Tese (Doutoramento em Educação), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/40071>. Acesso em 10 mar. 2021.

MACEDO, Sheyla Maria Fontenele. Perspectiva de Avaliação da Aprendizagem: dos dogmas, rituais e ritos à ética do bom senso. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v.9, p.1-16, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2503>. Acesso em: 22 mar. 2022.

MARIN, A. j.; PIMENTA, S. G. **Didática, teoria e pesquisa**. Ceará: UECE, 2018.

MCNEIL, J. D. **Curriculum: a comprehensive introduction**. Tradução de José Camilo Santos Filho. Boston: Little, Brown and company, 2001. (Obra original publicada em 1984).

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**. Brasília: DF, 2022. Disponível em: <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/239415-pedagogo>. Acesso em: 12 mar. 2022.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2002.

PECOTCHE, C.B.G. **Introdução ao conhecimento logosófico**. São Paulo: Editora Logosófica, 1996.

PECOTCHE, C.B.G. **Curso de Iniciação Logosófica**. 20.ed. São Paulo: Editora Logosófica, 2017.

SILVA, T.T. da **Documentos de Identidade: um introdução as teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TUNES, E.; BARTHOLLO, R. dos S. Dois sentidos do aprender. In: MARTÍNEZ, A.M.; TACCA, M. C. V. R (orgs.). **A complexidade da aprendizagem**: destaque ao ensino superior. Campinas: Alínea. 2010.

Nota

ⁱ Bourdieu (1983) compreende o *habitus* como um sistema de *disposições duráveis* e que funciona como uma “matriz de percepções, de apreciações e de ações” (p.65). Ou seja, configuram-se em convenções, verdades e crenças que ao serem inculcadas, funcionam quase que como “doutrinas” que passam a fazer parte da vida psíquica e social humana.

Sobre a autora

Sheyla Maria Fontenele Macedo

Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa, Professora Permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE/UERN). Docente do Departamento de Educação, *Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN)*. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo Ensino-aprendizagem (GEPPE). Pesquisadora e escritora na área de Ética e educação, Filosofia da Educação, Pedagogia humanista, Desenvolvimento Pessoal e Relações Humanas. Produtora de conteúdo no Youtube, canal Pedagogia Humanista. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7973-4773>. E-mail: sheylafontenele@uern.br

Recebido em: 21/03/2022

Aceito para publicação em: 16/04/2022